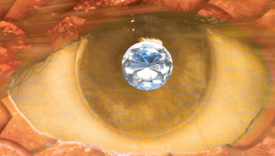


OS DRAGÕES

O diamante no lodo não deixa de ser diamante



WANDERLEY OLIVEIRA

pelo espírito

MARIA MODESTO CRAVO





Maria Modesta Cravo

16/04/1899 a 08/08/1964



Os DRAGÕES

O diamante no lodo não deixa de ser diamante

Wanderley Oliveira

pelo espírito

Maria Modesto Cravo

EDITORA
DUFAX





Capítulo 4

Conferência de Isabel de Aragão sobre a Maldade Organizada

(...)

Os dragões pensam que a Terra lhes pertence. Infelizmente, é o que eu mesmo pensava até há pouco tempo, quando fazia parte desse grupo de hipnotizados. Uma extrema prepotência estimulada por processos de convivência com esses lugares e por induções infelizes pelas quais também passei. Até universidades foram criadas nessas plagas. Técnicas eficazes de domínio mental são exercidas como forma de reter seus escravos.

Tudo começou, como disse dona Isabel, com Lúcifer e uma multidão de insatisfeitos degredados de outros orbes. Eles contribuíram com o progresso da Terra e se achavam injustiçados com os resultados espirituais de suas atitudes, queriam privilégios.

A Casta dos Justiceiros, pouco a pouco, aperfeiçoou-se e surgiram os *dragões legionários*, os *dragões justiceiros* e os *dragões conselheiros*, ordem que se mantém até hoje.

Nessa hierarquia, os *dragões legionários* são os generais. Alguns deles não reencarnam há pelo menos 5.000 anos, cumprindo com os mais altos postos da ordem. Temos os *dragões justiceiros* ou ministros. E temos os dragões aspirantes, que são os conselheiros.

Cada ministro chefia mil conselheiros ou dragões aspirantes, graduando-se, assim, ao posto de legionário. Existem mil cargos desse nível, totalizando 1 milhão de *dragões legionários* – governantes da Cidade do Poder.

Chama-se de dragão soberano ou legionário soberano quem chefia esse milhão de dragões. É, por assim dizer, o comandante da Cidade do Poder. Mais conhecido como Lúcifer, um título de reconhecimento e grandeza perante a casta em homenagem ao dragão-mor que deu origem à casta.

São extremamente rígidos nesse processo hierárquico. Se perderem um componente, logo o substituem. E as graduações – raras – ocorrem principalmente em razão das reencarnações em “missões especiais” na Terra ou por traições que redundam em castigos inenarráveis.

Como temos sete cidades principais desse porte, calcula-se um número em torno de 7 milhões de almas nos alicerces da maldade organizada dos dias atuais. São as sete maiores e mais antigas que patrocinam o mal na Terra. Não são as únicas existentes.

Nesse jogo do poder entre as sete facções, Lúcifer, como hábil manipulador, manteve as rédeas dos *dragões legionários*, que até hoje são seus escudeiros fiéis, ocupando cargos de destaque em cada uma das cidades. Se ocorre vaga no cargo, logo promovem outro, e nunca ultrapassam essa marca. Cada local, conforme sua função, adota terminologias próprias. Por exemplo, na *cidade do prazer*, os *justiceiros* são chamados de *servos de Baco ou dragões da luxúria*.

Pelo menos 300 milhões de mentes estão envolvidas com esses sete sítios da loucura hierarquizada, divididos entre mandantes e comandados, es-

píritos conscientes e inconscientes de seu processo espiritual. Cada qual conta com uma governadoria, conforme suas características específicas, dentro dos objetivos nefandos a que atendem¹.

Egito Antigo, Cruzadas, Templários, Inquisição, *Noite de São Bartolomeu* formam alguns dos reflexos das trevas sob tutela dos dragões abismais, que cada dia mais buscam possuir as rédeas da Terra em suas mãos. Os *justiceiros* são os mesmos soldados de deus da Idade Média cujo objetivo era defender a mensagem do Cristo.

Todavia, a maldade é frágil e instável. As hordas que ergueram a pólis do mal começaram a digladiar entre si. Podem ser disciplinados, mas não sabem ser éticos. A vinda do Cristo ao mundo foi a segunda grande derrota na concepção dos asseclas de Lúcifer. Fragilizados por não conseguirem impedir a vinda de Jesus, criaram cisões e se enfraqueceram.

O próprio Mestre enfrentou Lúcifer no deserto por quarenta dias e noites. Essa batalha de que os homens nem sequer imaginam as nuances mudou o destino de toda a humanidade².

1 Esse número, segundo dona Modesta, cresceu pelo menos dez vezes até a virada do milênio e continua ascendente.

2 “E ali esteve no deserto quarenta dias, tentado por Satanás. E vivia entre as feras, e os anjos o serviam.” – Marcos, 1:13

Acordos e iniciativas foram feitos nessa oportunidade para postergar estratégias nefandas de assenhoreamento da mensagem do Cristo. Ainda assim, a política aprisionou a religião pura no catre da ignorância espiritual e substituiu os valores da simplicidade pelo personalismo desenfreado. Surgiu uma igreja que em nada remete à mensagem de amor e libertação trazida por Jesus.

As cisões em tais hostes da maldade renderam mais seis cidades que, de alguma forma, por razões de interesse, mantiveram alguns laços em comum para atingir o objetivo maior de hegemonia do orbe.

Assim, dentro da mesma plataforma de exploração da inferioridade moral dos homens, nos últimos 15.000 anos, surgiu, em sete linhas distintas, o poderio da maldade descentralizada na seguinte ordem cronológica: o poder, cujo núcleo é o apego e a arrogância. O prazer, envolvendo as ilusões da fisiologia carnal. A vaidade, explorando o individualismo. A violência, voltada para vampirizar pela agressividade e pelo ódio. A mentira, insuflando a hipocrisia nas intenções. A descrença, fragilizando a fé nos corações e criando a sensação de abandono e impotência. A doença, incendiando o corpo de dor. Juntas, formam a causa moral de todos os males do planeta em todos os tempos e latitudes.

Será infrutífero nesse encontro detalhar as formas que a criatividade perversa encontrou para desenvolver recursos para expansão do mal.

Assinalemos, ainda, que essa é a faceta do mal organizado, e não todo o mal existente na psicosfera do planeta. As metamorfoses decorrentes desses sete ramos iniciais da maldade organizada constituem um estudo antropológico, que somente nas esferas mais elevadas do planeta se encontram informações precisas acerca de elos perdidos no tempo. Daí surgiram correntes, vales, associações, regimes e os mais diversos grupos avessos ao bem maior.

Em síntese, a humanidade, após a vinda do Cristo, entrou na idade das trevas. A ausência de Sua luz em nossas atitudes levou o planeta ao declínio, à desídia. Sua mensagem ganhou descrédito sob a lâmina da política interesseira. A politicagem criou o desvio do Evangelho.

Desde o início da idade medieval até a Renascença, foram mil anos de escuridão, dor e martírio. A partir dos ares novos trazidos no século XVI, foi que a humanidade retomou seu curso em direção ao seu progresso espiritual. Os últimos 500 anos da história humana foram resultados de importantes intervenções do Mais Alto na preparação dos caminhos para a regeneração.

Enquanto isso, o Brasil, já desde o século XV, era um laboratório invisível de experiências do Cristo com vistas ao futuro. A Tenda do Senhor foi literalmente erguida em solo brasileiro.

Fiquemos com essas observações que julgo ser

básicas para nosso debate.”

Após apresentar algumas fotos da cidade dos dragões, Cornelius agradeceu nossa paciência em ouvi-lo, pediu nossa atenção e respeito para com seus ex-parceiros e passou a palavra a Clarisse.

Após quase uma hora de explanação, já não havia mais quem tivesse um pinga de antipatia por aquele homem, que se expressou com rara humildade e de forma emotiva.

Nesse romance, vamos deparar com um relato leve e comovente sobre as organizações da maldade no submundo astral e quais são os laços que ainda mantemos com esses corações, mesmo quando somos iluminados pelo conhecimento espiritual.

“Eles são seres humanos, integram nossa raça. Inteligentes. Com larga soma de conhecimento das leis divinas e com rara habilidade de manipular as energias naturais. Conhecem a psicologia da alma, avançaram em tecnologia e são tenazes na busca de seus ideais. Adquiriram o domínio do inconsciente, tornando-se manipuladores dos sentimentos. Foram transmigrados de vários planetas em levadas de bilhões de criaturas rebeldes aos sublimes estatutos de Deus, para recomoçarem a caminhada evolutiva no reerguimento de si próprios perante a consciência.”

Magíster Seraphis Bey, mestre do Templo de Luxor.

EDITORA
DUFAUX

